

Psicologia em Betim: um caso de paixão, de compromisso social e de trabalho ético-político

*Rosana Figueiredo Vieira**

*Manoel Deusdedit Junior***

*Éser Técio Pacheco****

Resumo

Este artigo trata da história da implantação do curso de Psicologia da PUC Minas em Betim. A história do curso teve início em outubro de 1998, foi implantado em fevereiro de 1999, tendo como mentores do projeto a Prof^a Vânia Carneiro Franco e o Colegiado de Coordenação Didática do Curso de Psicologia da PUC Minas. Trata-se de um recorte feito a partir dos principais projetos desenvolvidos pelo curso ao longo destes 10 anos de história.

Palavras-chave: Formação de psicólogos; Compromisso Ético-político; Diretrizes Curriculares; Projeto Pedagógico.

Apresentação

Este artigo versa sobre a trajetória da implantação, os princípios norteadores que sustentaram a elaboração do projeto pedagógico, os desafios impostos pelas Diretrizes Curriculares, bem como pelos impasses contemporâneos impostos à Psicologia como ciência e profissão. Ele foi escrito em comemoração dos 50 anos do Instituto de Psicologia e dos 10 anos do curso de Psicologia em Betim. Duas histórias com caminhos diferentes, mas que convergem no mesmo ponto: a formação do psicólogo. A primeira está atrelada à própria história da Universidade: nasceram praticamente juntas. A segunda, mais recente, é o resultado da visão empreendedora da Universidade, que decidiu apostar no município de Betim, criando o *campus* da PUC Minas Betim em agosto de 1995.

Há 14 anos, a PUC Minas já tinha começado, em Betim, um trabalho político-pedagógico voltado para a realidade da região por meio da implantação dos cursos de Letras, Ciência da Computação, Direito, Matemática e Administração. Havia a intenção da Reitoria de criar um *campus* da saúde no município de

* Membro do Colegiado de Coordenação didática do curso de Psicologia da unidade de Betim, mestre em Psicologia, e-mail: eserbhz@yahoo.com.br

** Membro do Colegiado de Coordenação didática do curso de Psicologia da unidade de Betim, mestre em Engenharia de Produção, e-mail: eserbhz@yahoo.com.br

*** Membro do Colegiado de Coordenação didática do curso de Psicologia da unidade de Betim, mestre em Filosofia, e-mail: eserbhz@yahoo.com.br

Betim, que crescia em ritmo acelerado e promissor, tanto do ponto de vista populacional quanto industrial. Na década de 1980, Betim se afirmava como polo industrial. A instalação de grandes empresas trouxe o aumento da população e, com ele, os problemas típicos de cidades com a urbanização desordenada. Na concepção do projeto pedagógico elaborado na época, essa constatação empírica foi usada como justificativa que apontava para a importância da implantação do curso de Psicologia.

Contar a história de Betim é contar uma história tangenciada pelo desafio, pela dedicação e, sobretudo, pelo compromisso ético-político, afetivo e científico de todas as pessoas que participaram das discussões e da elaboração do projeto, que aderiram à ideia de fazer uma Psicologia crítica, comprometida com a construção de uma sociedade mais digna e mais justa.

No entanto essa história não pode ser contada isoladamente, sem que façamos um paralelo com a história da Psicologia brasileira. Aqui se faz necessário um recorte dessa história. Não é pretensão deste artigo discorrer sobre todos os fatos que marcaram a Psicologia no Brasil. Pretende-se apenas mostrar quais as premissas que serviram de base para a elaboração da proposta do curso e sob qual égide ele foi gestado.

Essa história está relacionada às grandes discussões nacionais sobre a formação do psicólogo que culminaram nas mudanças curriculares dos cursos de Psicologia no País. (MEC/Sesu, 2004). Partes dessas discussões foram encabeçadas pelas comissões de especialistas do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Psicologia.

Em 1983, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) iniciou amplo debate sobre problemas no exercício da profissão e necessidade de reformulação dos currículos. No ano seguinte, elaborou o “Programa de estudos e debates sobre a formação e atuação do psicólogo”. Para viabilizar tal programa, o CFP conduziu uma pesquisa publicada em 1988, sob o título “Quem é o psicólogo brasileiro”.

As discussões versavam sobre o futuro da Psicologia no Brasil, num momento em que as pesquisas do Conselho Federal de Psicologia indicavam que a Psicologia estava em uma fase de superação da ética instrumental, que exercia, preferencialmente, uma ética emancipatória, crítica, e que começava a inventar novos modos de intervenção que traziam a ruptura no seu interior e promoviam novos modos de subjetivação. Muitas instituições de ensino superior se fundamentavam nas ideias sobre as Matrizes do Pensamento Psicológico, defendidas por Figueiredo (1991).

Diversas pesquisas, tais como Weber (1984), Bastos (1999), Botomé (2001), Comissão de Especialistas para o Ensino de Psicologia (2001), apontavam para lacunas ou distorções na formação do psicólogo e passaram a mostrar, de forma praticamente consensual, dois grandes problemas relativos à formação.

1- Tendência nacional de preparar o estudante de Psicologia para atuar em apenas uma área: a clínica. Mais do que isso, mesmo quando era oferecida ao estudante a oportunidade de aprender a atuar em outras áreas, o ensino era conduzido de modo a reproduzir o modelo de atuação clínico, ou seja, baseado no atendimento individual.

2- Negligência no ensino dos múltiplos referenciais teóricos que compõem a Psicologia e tendência nacional de abordar, quase que exclusivamente, o estudo do referencial psicanalítico. (Yara Nico; Roberta Kovac, 1999, p. 53-54)

Além da formação especialista em clínica e da precária formação teórica, alguns autores passaram a discutir também o considerável vazio no ensino de pesquisa em Psicologia (Weber, 1984; Matos, 1988; Machado, 1989; Carvalho, 1989; Mello, 1996). Com base no levantamento e caracterização de tais problemas, esses autores defenderam a necessidade de valorizar uma sólida formação teórica e em pesquisa, em vez de priorizar uma formação tecnicista, como vinha sendo feito em larga escala no País.

As discussões ganharam contornos mais claros em 1994, a partir do I Encontro de Coordenadores de Curso de Formação de Psicólogos, na cidade de Serra Negra-SP. Esse encontro reuniu representantes de 98 instituições de ensino superior de Psicologia das 104 existentes na época, todos imbuídos do mesmo ideal: mudar os rumos da formação de psicólogos no Brasil. Esse momento nacional de debates ficou conhecido como “Encontro de Serra Negra”. Além de amadurecer ideias, foi útil para a preparação do Congresso Regional Constituinte e, principalmente, pela elaboração da “Carta de Serra Negra”, espécie de pacto coletivo que orientou a mudança curricular de diversas instituições de ensino superior. Essa carta continha os sete princípios norteadores da formação acadêmica.

Eles foram assim estabelecidos:

1. desenvolver a consciência política de cidadania e o compromisso com a realidade social e com a qualidade de vida;
2. desenvolver a atitude de construção do conhecimento, enfatizando uma postura crítica, investigadora e criativa, fomentando a pesquisa num contexto de ação-reflexão-ação, bem como viabilizando a produção técnico-científica;

3. desenvolver o compromisso de ação profissional cotidiana, baseada em princípios éticos, estimulando a reflexão permanente desses fundamentos;
4. desenvolver o sentido de universidade, contemplando a interdisciplinaridade e a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão;
5. desenvolver a formação básica pluralista, fundamentada na discussão epistemológica, visando à consolidação de práticas profissionais, conforme a realidade sociocultural, adequando o currículo pleno e cada agência formadora ao contexto regional;
6. desenvolver uma concepção de homem, compreendido em sua integralidade e na dinâmica de suas condições concretas de existência;
7. desenvolver práticas de interlocução entre os diversos segmentos acadêmicos, para a avaliação permanente do processo de formação. (Fonte: *Jornal do CRP* – set./out., 1992)

Esses princípios apontavam para uma Psicologia muito mais implicada com a ética, com o compromisso com a realidade social, com a consciência política da cidadania, com a interdisciplinaridade e indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Além desses, outros que apontavam a formação pluralista do psicólogo, fundamentada na discussão epistemológica e adequação do projeto pedagógico com as demandas locais.

Destaca-se aqui a participação ativa da Associação Brasileira do Ensino da Psicologia (ABEP), durante todo o processo de definição das políticas para a formação de psicólogos.

Enquanto muitos cursos de Psicologia do País tinham pela frente a árdua tarefa de repensar a formação e de desfazer-se de práticas viciadas e dos engessamentos teóricos impostos pelos anos, a proposta do curso de Psicologia em Betim nascia sem vícios. Tinha o privilégio de propor um curso novo, fundamentado nos princípios postos no pacto nacional, com o compromisso de romper com os modelos tradicionais e com o desafio da proposição de um curso de Psicologia que contribuísse efetivamente na formação de um psicólogo comprometido com a diversidade.

No que diz respeito às Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia (MEC/Sesu, 2004), houve participação de vários da equipe da época, no movimento para construção do documento que constituiu o texto final, participando de eventos e grupos de discussão para traçar as linhas mestras de seu conteúdo. Associar-se a esse processo permitiu uma integração com a proposta do Conselho Nacional de Educação para os cursos de graduação em Psicologia

Apesar de as discussões sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais estarem avançadas na época, optou-se por apresentar um projeto sem a definição das ênfases. Além de esse ponto ter sido motivo de divergência nacional entre as diversas representações da categoria, havia sinais de que elas não seriam aprovadas. Optou-se então por apresentar um projeto fundamentado apenas nos princípios básicos das diretrizes.

A aprovação das diretrizes coincidiu com o momento de conclusão do curso da primeira turma. Entramos no ano de 2004 com um motivo a mais a ser comemorado: os alunos passaram pela primeira vez pelo extinto Exame Nacional de Cursos de Graduação, mais conhecido como “Provão”. O conceito “A” foi atribuído ao trabalho da equipe responsável pela sustentação do projeto. Cabe destacar que, na ocasião, foi um dos quatro cursos de Psicologia de instituições de ensino particulares que conseguiram nota máxima no Brasil, com exceção dos cursos das universidades federais.

Segundo Franco (2004), coordenadora do curso na ocasião, “A troca de informações e o acompanhamento dado aos alunos é fundamental”, diz. Segundo ela, “Professores e estudantes aderem ao projeto do curso, que é bem definido. Acho que o nosso ‘A’ é resultado de uma relação fraterna com os alunos; não uma relação de fornecedor-cliente”. (Franco, 2004)

Além dessa avaliação, em 2005, o curso recebeu a comissão de especialistas do MEC para exame das condições de oferta e alcançou os seguintes resultados: (muito bom) para infraestrutura, (muito bom) projeto pedagógico e (bom) corpo docente.

A relação fraternal apontada por Franco (2004) deu ao curso um diferencial, percebido nas relações afetivas que temos entre os colegas, os alunos e funcionários da unidade. A estratégia de gestão participativa¹, em que as diferenças são acolhidas e sustentadas, deu ao curso um sentido de coletividade. Nunca, na visão dela, uma área foi mais contemplada do que a outra.

Apesar, porém, de bem avaliado e de os indicadores reforçarem a qualidade do curso, foi preciso mudar. Com a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais pelo Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior, Resolução nº 8, em 7 de maio de 2004, exigiram-se novas mudanças curriculares. Dessa vez, era a oportunidade de ampliação do projeto implantado em 1999, com a exigência da definição das Ênfases em Psicologia.

¹ Exercício de gestão fundamentada na participação ativa dos atores envolvidos no processo; não apenas como sujeitos de direitos, mas como sujeitos ativos que participam de todas as etapas dos processos decisórios. A gestão participativa garante transparência, envolvimento e, sobretudo, responsabilidade pela construção do projeto coletivo. É um exercício democrático.

Era momento de “atualizar as diretrizes anteriores do projeto pedagógico, suas condições de funcionamento, adequação e localização de disciplinas na grade curricular, bem como de aperfeiçoamento de ementas” (Projeto Pedagógico, 2006).

Nessa época, a estrutura administrativa da Universidade já havia instituído o Colegiado de Curso. Essa foi a oportunidade de fazer valer, mais uma vez, a premissa norteadora do curso: a participação e a diversidade. Optou-se pelo modelo de “colegiado ampliado”, ou seja, todos os professores que tinham horas de dedicação para coordenarem os laboratórios, as áreas (comunidade, saúde, trabalho e educação), os estágios, o Núcleo de Referência em Psicologia (Nupsi), a pesquisa e a pós-graduação e a extensão foram convidados a participarem da gestão do curso juntamente com o “colegiado restrito”. Era uma forma de avaliar o direito à voz e ao voto, dar legitimidade à gestão participativa e garantir a oxigenação e flexibilidade ao curso.

Esse modelo promoveu encontros profícuos e históricos. Vários projetos de ensino², cursos de especialização, aperfeiçoamento, projetos de pesquisa, foram decorrentes desse espaço de discussão.

Historicamente, a pós-graduação do curso de Psicologia da PUC Minas, unidade Betim, tem funcionado de maneira integrada à graduação. Assim, o primeiro curso (Especialização em Psicologia da Saúde³), oferecido em 2002, teve sua origem associada às práticas de estágio realizadas no campo da saúde pública, como parte da formação do aluno, bem como à necessidade de dar continuidade e aprofundar os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação. A partir desse contexto, podemos afirmar que o referido curso de especialização potencializou demandas antes reprimidas, não só dos profissionais graduados, mas também da comunidade betinense, devendo-se ressaltar que Betim é referência em Políticas Públicas de Saúde, especialmente em Saúde Mental. Nesse sentido, a especialização em questão surgiu em resposta às exigências colocadas já no Curso de Aperfeiçoamento oferecido na ocasião. No período de 2003, iniciava-se o Curso de Especialização em Transtornos Graves na Infância e Adolescência, que também contou com práticas de estágio em campo que garantissem a formação proposta. Ambos os cursos, durante os primeiros anos de funcionamento, seguiram as determinações do Regulamento Geral dos Programas de Pós-graduação *Lato Sensu* da PUC Minas. Atualmente, a pós-graduação, mantendo fidelidade

² Projeto Aula Aberta, Projeto Psicologia e Cultura, Projeto Orientação Psicológica e Urgência Subjetiva (OPUS), Curso de Aperfeiçoamento em Psicologia Clínica e cursos de extensão são alguns exemplos, além dos diversos outros que foram desenvolvidos.

³ O curso citado foi o primeiro de especialização credenciado pelo CRP no Estado de Minas Gerais.

ao princípio de integração com a graduação, que é sua marca distintiva e que faz parte de sua história, tem optado por oferecer propostas de cursos de especialização *lato sensu* (aperfeiçoamento e especialização) que atendam às demandas de alunos e comunidade, oriundas das práticas de ensino, estágio e extensão. São oferecidos os seguintes cursos: Gerontologia Social: saúde do idoso, Psicologia organizacional e do trabalho e Clínica Psicanalítica nas Instituições de Saúde.

Não foi diferente com o desafio maior que tínhamos pela frente: adequar o projeto pedagógico às novas exigências das Diretrizes Curriculares. Mais uma vez, fomos convidados ao trabalho coletivo. Várias foram as reuniões (quem estava lá se lembra da reunião de imersão na Fazenda Experimental da PUC Minas Betim) das quais fomos convidados a participar, apresentando sugestões, elaborando novas ementas, novo projeto de estágio, novas formas de produção e valorização do saber acadêmico, enfim, mas sem perder de vista os princípios norteadores do projeto. Eles estavam calcados nos seguintes pressupostos gerais:

- compromisso e responsabilidade social na qual o profissional de Psicologia estava inserido;
- construção e desenvolvimento do conhecimento científico em Psicologia;
- compreensão dos múltiplos referenciais que buscam apreender a amplitude do fenômeno psicológico em suas interfaces com os fenômenos biológicos e sociais.

Além da trajetória do curso descrita aqui, cabe destacar as publicações realizadas nestes anos de história. Em decorrência de projetos de extensão e ou pesquisa, vários foram os livros publicados pelos professores do curso. Entre eles, destaca-se Clínica e inclusão social, A clínica de crianças com transtornos no desenvolvimento: uma contribuição no campo da psicanálise e da saúde mental, Aprendizes da clínica, PMK - articulações entre o ensino, a pesquisa e o exercício profissional^{4, 5}.

Novos desafios, novos rumos... a mesma paixão

Os próximos anos do curso de Psicologia guardam alguns desafios: o primeiro deles refere-se a encontrar uma equação adequada para preservar as

⁴ Câmara, Gislene Clemente Vilela (org.). PMK - articulações entre o ensino, a pesquisa e o exercício profissional. Vetor Editora, 2005.

⁵ Os livros destacados aqui se referem apenas às publicações de trabalhos (de extensão, pesquisas e ou intervenções) realizadas por professores no curso de Psicologia da PUC Minas em Betim. Não foram destacadas aqui as publicações decorrentes de programas de mestrado e ou doutorado ou quaisquer outras publicações realizadas pelos professores decorrentes de pesquisas realizadas com outros vínculos institucionais.

aspirações acadêmicas, ao mesmo tempo em que tentamos responder às regras impostas pelo mercado.

Vivemos hoje sob a pressão das exigências da lógica imediatista e, na maioria das vezes, irrefletida, das leis da oferta e da procura. Instituições, projetos e carreiras se veem obrigados a todo o tempo a transformar sonhos em mercadorias, o que nem sempre é feito sem algum prejuízo. A adequação entre oferta e demanda no ensino superior brasileiro, especialmente no tocante às universidades particulares, tem provocado mudanças nos currículos, nos quadros de professores, na relação com os alunos, enfim, uma série de movimentos que muitas vezes se dão até de forma traumática. Em Betim, o curso de Psicologia da PUC Minas passou a ser ofertado à noite como uma tentativa de responder a essas exigências, embora haja a esperança de sua futura continuidade no turno da manhã. Essa mudança, que em princípio poderia parecer apenas uma questão de acerto do relógio, traz consigo a necessidade de reorganizar as condições de oferta de uma forma que preserve os compromissos previstos no Projeto Pedagógico e a qualidade do curso, esta atestada pelos resultados significativos obtidos nas avaliações realizadas até agora. Esses resultados são reflexos de práticas que procuram integrar ensino, pesquisa e extensão, extrapolando, inclusive, os muros da Universidade, quando colocamos nossos alunos em contínuo contato com a realidade da comunidade local, fazendo-os refletir sobre os problemas a serem enfrentados. Com isso, buscamos dar maior consistência à formação de nossos discentes. É possível vislumbrarmos algumas dificuldades em mantermos esse tipo de prática, pois a mudança de turno implica numa modificação do perfil de nossos alunos, já que se espera que a maior parte dos discentes passe a ser constituída de alunos que trabalham no período diurno; com isso, as práticas de estágio, pesquisa e extensão deverão ser repensadas, levando-se em consideração a possível diminuição de alunos com disponibilidade para tais práticas, tal como ocorre hoje.

Um outro aspecto que é digno de nota diz respeito ao “clima emocional” que paira no curso de Psicologia de Betim. Precisa ser mantido um poderoso laço afetivo que mobilize professores e cativa alunos, fazendo com que as aulas se tornem uma agradável interação na produção de conhecimentos e a vida acadêmica seja sempre uma expressão do espírito humanista que fundamenta a prática pedagógica da PUC Minas. Nesse sentido, devemos envidar esforços para que a transferência do curso para o turno da noite não seja interpretada como a falência do Projeto Pedagógico, mas como novas possibilidades que se abrem.

As novas condições de oferta trazem, também, o grande desafio de nos integrarmos aos demais cursos da Unidade de Betim. Se esse desafio já se apresentava quando o curso acontecia pela manhã, agora ele se potencializa, se levamos em consideração que o número de cursos com os quais passamos a conviver à noite é muito maior. Assim, novas modalidades de trabalhos integrados entre os cursos deverão ser pensadas para o fortalecimento da Psicologia, de cada um desses cursos e da Unidade como um todo.

Referências

Aprendizes da clínica: novos sujeitos dos fazeres psi. In: Filho, José Thiago Reis & Franco, Vânia Carneiro (Org.). *Aprendizes da clínica*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007.

Bastos, A. V. B. & Gomide. P. I. C. (1989). O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. *Psicologia: ciência e profissão*. (1) 5-15.

Bastos, A. V. B. (2001). Apresentação oral no debate. *Diretrizes curriculares para o curso de Psicologia*, XXXI Reunião Anual de Psicologia – SBP. Outubro, Rio de Janeiro.

Botomé, S. P. (1979). A quem, nós psicólogos, servimos de fato? *Psicologia*.

Botomé, S. P. (2001). Um procedimento para identificação de alternativas de atuação profissional em Psicologia. *Psicologia*

Botomé, S. P.; Souza, D. G.; Willians, L. C. A. & Willians, L. (1981). *Por uma Psicologia científica nacional: critérios para uma avaliação de prioridades*. São Paulo: Edicon.

Carvalho, A. M. A. (1984). Modalidades alternativas de trabalho para psicólogos recém-formados. *Cadernos de Análise do Comportamento*, 6, 1-14.

Carvalho, A. M. A. (1989). A visão dos alunos sobre sua formação. *Psicologia: ciência e profissão*, (1) 19-21.

Carvalho, A. M. A. & Kavano, E. A. (1982). Justificativa de opção de trabalho em Psicologia: uma análise da imagem da profissão em psicólogos recém-formados. *Psicologia*.

Comissão de Especialistas para o Ensino de Psicologia. (1999). *Proposta de Diretrizes Curriculares para o ensino de graduação em Psicologia*. Ministério da Educação.

Comissão de Especialistas para o Ensino de Psicologia. (2001). *Debate Diretrizes Curriculares para o Curso de Psicologia*, XXXI Reunião Anual de Psicologia – SBP. Outubro, Rio de Janeiro.

Conselho Federal de Psicologia (Org.). (1988). *Quem é o psicólogo brasileiro*. São Paulo: Edicon.

Conselho Federal de Psicologia (Org.). (1992). *psicólogo brasileiro: construção de novos espaços*. Campinas: Átomo.

Conselho Federal de Psicologia (Org.). (1994). *psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação*. São Paulo: Casa do psicólogo.

Figueiredo, Luiz Cláudio. (1991). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes.

Guerra, A. M. C.; Moreira, J. O. & Diniz, Betânia (org.). *Clínica e inclusão social: novos arranjos subjetivos e novas formas de intervenção*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002.

Guerra, A. M. C. & Lima, N. L. (org.). *A clínica de crianças com transtornos no desenvolvimento: uma contribuição no campo da psicanálise e da saúde mental*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Jornal do CRP, set./out., 1992.

Silva, V. L. M. & Botomé, S. P. (1986). Situações e locais de atuação do psicólogo clínico na percepção de estudantes de Psicologia. *Psicologia*, 12 (3), 11-34.

Weber, S. (1984). Currículo mínimo e o espaço da pesquisa na formação do psicólogo. *Psicologia: ciência e profissão*, 11-13.

Weber, S. & Carraher, T. N. (1982). Reforma curricular ou definição de diretrizes? Uma proposta para o curso de Psicologia. *Psicologia: ciência e profissão*.

Weber, S. (1984). Currículo mínimo e o espaço da pesquisa na formação do psicólogo. *Psicologia: ciência e profissão*.